

## A Fina Flor do Xadrez

### I

*“E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica, vê-la brotar como há pouco em nova vida explodida; mesmo quando é assim pequena a explosão, como a ocorrida; mesmo quando é uma explosão como a de há pouco, franzina; mesmo quando é a explosão de uma vida severina.”*

*(Morte e Vida Severina – João Cabral de Melo Neto)*

### II

Há aproximadamente três anos, escrevi uma crônica chamada Semente do Xadrez, sobre o trabalho silencioso e permanente do Osmar na multiplicação dos tabuleiros de xadrez pelo Estado – melhor seria escrever na multiplicação dos tabuleiros de xadrez, ponto.

Dizia eu, à época, sem querer ser pernóstico ao citar a mim mesmo: “Osmar tem com o xadrez a mesma relação de uma semente para com o material genético nela contido. Em períodos de estiagem, ele conserva este material intacto, abrigado das intempéries, (...) e, quando em época fecunda e lugar propício, o faz se multiplicar e dar frutos”.

Secretamente, sabia eu estar sendo justo apenas parcialmente naquela crônica, que indico ao leitor como preâmbulo desta, até porque sua razão de ser não era a de depurar meu senso de justiça, mas sim tentar pôr em palavras o trabalho que o Osmar fazia, e faz até hoje.

A sensação de que algo mais precisava ser dito decorria de outro fato: o de que mais pessoas, agindo por caminhos próprios, e por um amor comum ao xadrez, desempenhavam papel decisivo no mesmo processo. Então, hoje eu vou contar uma história sobre estas pessoas, e sobre o que elas fizeram e fazem.

De antemão, informo ao leitor que nenhum dos que aqui citarei me pediu que inserisse seu nome nesta crônica. Pelo contrário, se pudessem tê-la lido antes de publicada talvez me pedissem para não tornar públicas suas ações em favor do xadrez.

Contudo, escrever uma história com personagens sem nome a lhe dar vida, seria o mesmo que subtrair sua alma. Motivo pelo qual, após esta breve reflexão, resolvi manter os personagens com seus nomes. Afinal, nenhum delito foi cometido por eles, exceto contra a lei da inércia.

### III

A história começa – e começo pelo meio dela – quando o César Reis abre o porta-malas de seu carro e diz, diante de um maravilhado Sérgio Brito: “São seus. Pegue quantos você quiser”.

Dentro do porta-malas, toda a coleção construída por César ao longo da vida: livros de abertura, meio-jogo, finais, estratégia. Enfim, todo o material de que dispunha. Sérgio então escolhe cinco ou seis exemplares e os leva para casa.

A essa altura, os livros já não eram só para seu próprio aprimoramento, mas também para orientar o aprendizado de seus filhos. Cinco, até o momento: Gabriela, Graziela, Yuri, Guilherme e Gustavo.

Sérgio é daqueles amantes do xadrez que aprenderam a mover as peças na marra. Quando aprendeu a jogar, tinha a sua frente as mesmas sessenta e quatro casas e trinta e duas peças que hoje têm seus filhos. Mas somente mais tarde manteve contato com a literatura que há sobre o jogo – vale dizer, trazia o jogo dentro de si. Daí porque sabe da importância facilitadora dos livros.

E, logo, quatro deles – o Gustavo, muito novo, ainda não entrou no circuito – pegaram gosto pela coisa, como sói a uma família na essência da palavra. Isto porque, aliado à disciplina que o xadrez exige, e a lhe complementar, está um pai carinhoso e dedicado. E, assim, a relação causal esforço-recompensa fica com suas duas etapas devidamente fortalecidas. Diga-se, *en passant*, o Brasil tem muito a aprender com o Sérgio neste aspecto.

Veio o Festival Infanto-Juvenil de Xadrez 2007 e, junto com ele, a supremacia da família Aguiar Brito.

No masculino até dez anos, Yuri teve performance digna de Jorge Bittencourt e venceu com fantásticos seis em seis, um ponto e meio à frente do irmão Guilherme, que superou no critério de desempate a Carlos Eduardo Rocha, ficando em segundo lugar.

No feminino até doze anos, Gabriela teve desempenho idêntico, empatando na primeira colocação com Isabelle Sperandio, ambas com seis em seis – as duas não se enfrentaram devido a uma falha no empareiramento da terceira rodada, e resolveu a organização do torneio dividir o prêmio. A irmã Graziela ficou em terceiro lugar, a um ponto das duas.

Percebendo que a evolução viria do contato com jogadores experimentados, Sérgio então toma a iniciativa de inscrever seus filhos na categoria Absoluto dos torneios locais.

Na primeira etapa válida para o CEAX 2008, jogada em Vila Velha, entre os dias quinze e dezesseis de Março, a pequena Gabriela surpreendeu a todos, tendo ficado, já na primeira rodada, com qualidade a mais e peão passado contra o forte Mozart Abelha (2.045 pontos de rating).

Contudo, a natural inexperiência em torneios nessa categoria fez a vantagem não ser convertida em vitória, e, milagrosamente, Mozart conseguiu salvar a posição e o ponto.

O caminho, porém, já estava aberto...

## IV

Aguiar Brito, Gabriela x Lahud, Tarcísio – I CEAX 2008 – C42 (A Fina Flor)

### 1. e4 ...

Embora já soubesse de boa parte da história que contei até aqui, e que continuará nas próximas linhas, esta foi a primeira vez que vi os filhos do Sérgio pessoalmente – neste torneio jogaram a Gabriela e o Yuri.

Atentos, simpáticos e muito educados, ficavam sempre juntos, entre uma rodada e outra, sob os olhares vigilantes do pai, do “tio” Leandro Barcellos, também enxadrista, e do fominha de xadrez, escritor de crônicas e amigo Stênio Luz – salve Stênio, quando fica pronto o próximo Duro de Ler? –, como pude observar, entre um guaraná e outro que eles tomaram no quiosque do Isaías.

Lá mesmo, na mesa ao lado, Tarcísio, Docekal e eu tomávamos um guaraná de adulto, pouco antes de começar a partida em análise. E, como tomamos só três garrafas, uma para cada um, posso assegurar que o Tarcísio estava na ponta dos cascos para jogá-la.

Aliás, para quem o conhece, desnecessário dizer que ele encontra seu melhor jogo entre o primeiro e o terceiro copo de cerveja.

### 1. ... e5

### 2. Cf3 Cf6!

Só existem três jogadores no mundo que sabem jogar com profundidade a Defesa Petrov: Tarcísio Lahud, Anatoly Karpov e Vladimir Kramnik, necessariamente nesta ordem!

### 3. Cc3 Bb4

### 4. d3 Cc6

### 5. Bg5 h6

### 6. Bh4 Bg5

### 7. Bg3 d6

### 8. Be2 Be6

### 9. Dd2 Dd7

### 10. a3 Ba5

### 11. b4 Bb6

Todos lances lógicos de desenvolvimento, com a pequena Gabriela, a vida recém explodida do início desta crônica, se desviando da usual tomada em e5 no terceiro lance.

### 12. Tb1! ...

Tenho para mim que jogar com as torres é uma arte dentro da própria arte de jogar xadrez. Jogá-las nestes movimentos de fundo com o tabuleiro ainda cheio de peças, então, é tirar Petrosian da Eternidade para vir dar um rolé aqui na Terra.

Esta torre em **b1** marca o início de uma caçada feroz ao bispo de **b6**.

- 12. ... a6
- 13. a4 Cd4
- 14. a5 Ba7
- 15. b5 axb5
- 16. Cxd4 Bxd4
- 17. Cxb5 Bc5
- 18. c3 ...

A caçada ainda não terminou...

- 18. ... Txa5
- 19. d4 exd4
- 20. cxd4 Bb6
- 21. d5! ...

Agora é o outro bispo! Convido ainda o leitor a observar com que competência a fina flor do xadrez capixaba irá dispor suas peças sobre o tabuleiro, nos próximos cinco lances.

- 21. ... Bg4
- 22. f3 Bh5
- 23. Dc3 De7
- 24. Cd4 Bg6
- 25. Bb5 Rf8
- 26. O-O! ...

Calmamente, Gabriela roca no vigésimo sexto lance da partida – incomum para a idade! Em seu rastro, obliterou completamente o posicionamento das peças pretas.

- 26. ... Rg7
- 27. Bf2 Rh7
- 28. Cf5? ...

O lance jogado me parece apressado. A posição das pretas é engessada, ao passo que as brancas têm mais espaço e se encontram otimamente posicionadas.

A partida está estrategicamente ganha, como costumam dizer o mestre Roberto Grau e os sacanas lá do Taça de Ouro. Este era o momento de preparar melhor a invasão final.

Depois, seria só uma questão de aplicar o que nos ensina o Osmar: invadir a sétima e explodir tudo!

- 28. ... Bxf5
- 29. exf5 ...

Tomar o bispo de **b6** primeiro também daria um jogo bem interessante. Em ambos os casos, adentrando o terreno das variantes táticas, o preferido do Tarcisãõ, que somente agora começa a respirar na partida.

- 29. ... **Bxf2**
- 30. **Txf2 Tha8**
- 31. **Te2 Dd8**
- 32. **Bd3 Ta3**
- 33. **Dd4 T8a4**
- 34. **Bc4 b6**
- 35. **Tbe1 b5**
- 36. **Te7 Rg7**
- 37. **Te8 Dd7**
- 38. **g4 ...**

Gabriela pensou muito para fazer este lance. A esta altura, um fato inédito ganhou as atenções de todos ali presentes.

No primeiro tabuleiro, Moacir Bortoloso, que viria a ser campeão do torneio, se complicava em partida contra Luiz Carlos Garcia, ao passo que, no segundo, os respectivamente terceiro e quarto colocados, Milton Cobo e Hermes Vazzoler, travavam batalha feroz pelas chamadas micro-vantagens.

No entanto, a cada partida que se encerrava, os jogadores, agora espectadores e torcedores, rumavam naturalmente para a mesa nº 7, onde esta partida era jogada.

Posteriormente, a jovem Gabriela declarou ao pai que ficou um pouco assustada com tanta gente a sua volta. Mas é assim mesmo que começa. E o capivaréu não arredou pé de lá, até o final.

- 38. ... **Txc4**
- 39. **Db2 Tac3**
- 40. **T8e7 Dd8**
- 41. **Dxb5 Tc5**
- 42. **Da4 T3c4**
- 43. **Da7 Cxd5**
- 44. **Te8 Df6**
- 45. **Da8 Dd4+**
- 46. **Rh1 Cf6**
- 47. **Th8 Ce4!!**

A partida está tão aguda, que eu não resisti a jogar a posição resultante de **47. Th8** no computador. Aqui, o lance eletronicamente correto seria **47. ... Cxg4**, com absoluta igualdade (0.00). Após **47. ... Ce4**, porém, a vantagem das brancas chega a 8.86!

Todavia, vejamo-lo do ponto de vista não da lógica do xadrez, mas da partida jogada.

Primeiramente, ambos já se encontravam exaustos, e aquela já era a terceira rodada no mesmo dia – na segunda, Tarcísio jogara partida duríssima contra o campeão Bortoloso.

Além disto, a euforia provocada de início pela cerveja já baixara, e agora o cedro do Líbano visivelmente buscava uma última gota de seiva para seguir jogando. Neste momento agudo, inconscientemente talvez, lhe tenham vindo à lembrança as palavras do seu tio Chicre: “Tarcísio, nunca se esqueça dos pobres e necessitados”.

Acuado, asfiziado, mais do que nunca o rei necessita de todo o auxílio disponível para criar uma rota de fuga. A sonhada: **f6-d5-f4**. Então, esse cavalo pagará com a própria vida para criar a passagem mágica de **f6** e obstar o controle da coluna **e** pela torre de **e1**.

No recente torneio Corus 2008, o campeão mundial Vishy Anand vislumbrou um caminho de fogo para seu rei escapar, pelo centro do tabuleiro, do ataque *Kamikaze* do jovem prodígio Magnus Carlsen, e, poucos lances depois, vencer a partida.

O mesmo irá acontecer nesta.

**48. Df8+ Rf6**

**49. Txb6+? ...**

Aqui está o erro decisivo. **49. Dxb6** e as brancas conservariam vantagem vitoriosa de 3.00, segundo o Chessmaster.

**49. ... Re5**

**50. Txe4 Dxe4**

**51. Dg7+ Rf4!!**

Com este rei-de-ferro, que atravessou o olho do furacão para preparar o mate que se aproxima, Tarcísio deixou de ser o coadjuvante de luxo numa partida que ele mesmo venceria, para, enfim, fazer sorrir o tio Chicre de suas reminiscências.

**52. fxd4 Tc1+**

**53. Rg2 T5c2+**

**54. Rh3 Tf1**

**55. Dxb5 Rxb5**

**56. Th5+ Rf4**

**57. Rh4 Txb2++**

**0-1**

Uma beleza de partida. E uma jóia de descoberta!

V

No xadrez e na vida, é importante sempre remontarmos a soma de pequenos e grandes esforços que convergiram para uma realidade transformada e transformadora. Para contar

esta história, que comecei contando do meio, poderia, alternativamente, retroceder um pouco mais no tempo, e encontraria tantos pontos de partida quanto foram as ações, isoladas ou conjuntas, aleatórias ou coordenadas, que a fizeram possível.

Há alguns anos, um enxadrista de nome Paulo ensinou dois amigos, Isaías e Naldinho, a jogar xadrez. Estes, por sua vez, fizeram artesanalmente seu primeiro jogo de peças, a partir de pedaços cortados de cabo de vassoura, e no quiosque Taça de Ouro plantaram seu tabuleiro germinal.

O Osmar, que já era um divulgador nato do esporte, foi apresentado ao Isaías, se não me engano por outro Paulo, o Lisboa, e lá espalhou sua semente.

Os anos se passaram e o Osmar conheceu o Sérgio, que também jogava lá, e o apresentou ao César Reis, de onde comecei a contar esta história.

Mas como o processo histórico é vivo, depois desta partida contra o Tarcisião alguns jogadores, capitaneados pelo incansável, incansável e incansável José Osório, uniram esforços para que os filhos do Sérgio pudessem jogar o Campeonato Brasileiro sub-12 e sub-14, recém realizado em Santa Maria do Jetibá – Gabriela ficou em décimo lugar em sua categoria.

Campeonato que, por sua vez, é resultante dos esforços do Charles junto à Prefeitura local, e de um trabalho de anos desenvolvido, primeiramente pelo Paulo César, posteriormente resgatado pelo Zanon, Namy, Guilherme e companhia, e ultimamente levado, no peito e na raça, pelo Pablyto, Walter e Edna, dentre os da atual diretoria da FESX que mais atuam. Isto sem contar o Cláudio, braço forte da federação lá em Guarapari, e tantos outros que não mencionei – até eu trouxe meu quinhão, dando os meus pitacos aqui nesta coluna de crônicas.

Então, já com a cabeça e os olhos embaralhados pela lembrança dos nomes e pela emoção de perceber, às três e poucos da matina, que é possível fazer do xadrez um elemento cultural vivo no Estado, ainda que franzino, diante do que poderá vir a ser um dia, apelei de início ao João Cabral para resumir esta história, que também é um pouco a história de cada um dos que, aqui citados ou não, nela atuaram e atuam.

E que os jovens de hoje possam perpetuá-la no futuro.

\*